

POTENCIAL DE APLICAÇÃO E CRÍTICAS AOS FUNDAMENTOS DA TEORIA DA RELEVÂNCIA

RESUMO:

INTRODUÇÃO

A Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986/1995/2005) mostrou ser suscetível a críticas de diversas correntes teóricas. No presente artigo, ver-se-ão conceitos subjacentes a toda boa teoria, alguns exemplos de potencial de aplicação da TR e, por fim, críticas aos fundamentos da teoria de Sperber e Wilson de acordo com a visão de dois teóricos: Gary Marcus¹ e Jorge Campos da Costa.

1. Para todas as teorias

Os estudos teóricos, dentre esses o estudo da relevância desenvolvido por Sperber e Wilson, requerem fundamentos, teoria e potencial de aplicação. Esses princípios são fundamentais para qualquer boa teoria.

De acordo com a Teoria da Relevância, pode-se considerar fundamentos da mesma seus princípios cognitivos e comunicativos. A teoria desenvolvida por Sperber e Wilson é caracterizada pela descrição de seus estudos.

O potencial de aplicação não é a aplicação da teoria, mas uma possibilidade virtual de aplicação da mesma. Alguns exemplos de potencial de aplicação da TR serão mostrados no item 2 desse estudo.

¹ A crítica de Gary Marcus à Teoria da Relevância está inserida, nesse estudo, no artigo *Relevância ou Kludges?* do Professor Jorge Campos da Costa.

É considerado bom potencial de aplicação teórica aquilo que é pertinente ao presente e a perspectivas futuras do quadro onde a teoria se insere.

Além desses três conceitos, para que haja uma boa teoria é importante ter em mente que no momento em que a mesma for criticada é necessário que seus estudiosos possam apresentar soluções ad hoc para o problema, pois assim não correrão o risco de precisar mudar totalmente a teoria.

Também é mister ser definitivo, como, por exemplo, o estudo de Quine sobre a indeterminação da tradução, como a TR e seus princípios ancorados em leis universais (relação custo X benefício), além do fato de ser considerada metateoria².

Uma boa teoria pode ter em si mesma todas as partes explicitadas acima e ainda assim ser criticada e, até mesmo, abalada.

O potencial de aplicação da TR será demonstrado no item 2. A seguir, dois teóricos criticam os fundamentos desenvolvidos por Sperber e Wilson para sua teoria.

2. Potencial de aplicação da Teoria da Relevância

Nesse item serão abordados fenômenos diversos relacionados ao potencial de aplicação da TR.

2.1 Exemplos cruciais à Teoria da Relevância

Os exemplos cruciais são aqueles que demonstram o potencial de aplicação da teoria.

2.1.1 Caso de implicação contextual:

² Aplicável a objetos e a teorias.

a) Susana vai casar.

Quem vai casar deve fazer o exame de talassemia.

Susana tem talassemia.

Susana vai casar com Guilherme.

Guilherme tem talassemia.

Susana e Guilherme devem procurar um médico antes de terem filhos.

Nesse caso é possível estabelecer pelo contexto a necessidade de Susana e Guilherme buscarem um médico no caso de pensarem em ter filhos.

2.1.2 Relevância Comparativa

b) Pedro é mais rico que Maria. (Forte)

Maria é mais rica que Susana. (Forte)

Pedro é mais rico que Jaime. (Certa)

Susana é mais rica que Jaime. (Forte)

Jaime é mais rico que Carlos. (Certa)

Carlos é mais rico que Susana. (Frac)

Dado o contexto (b), que mescla suposições certas, fortes e fracas, tem-se as seguintes afirmações:

1ª Susana é mais rica que Jaime. (Certa)

2ª Susana é mais rica que Pedro. (Certa)

A introdução da primeira asserção traz três novas informações relevantes a (b): deixa como certas as suposições “Susana é mais rica que Jaime”, antes considerada forte, e “Susana é mais rica que Carlos” (implícada a partir da suposição certa “Jaime é

mais rico que Carlos”) e invalida a antes suposição fraca “Carlos é mais rico que Susana”.

A introdução da segunda afirmação no contexto (b) define ser “Susana mais rica que Pedro”, “Susana mais rica que Maria” (portanto, inválida a suposição “Maria é mais rica que Susana”), “Susana mais rica que Jaime” e “Susana mais rica que Carlos”, trazendo, dessa forma, cinco novas informações relevantes ao conjunto.

Tendo em vista os argumentos expostos é evidente que a segunda afirmação é mais relevante ao contexto (b).

2.1.2.2 Efeitos contextuais diversos

Imaginando que alguém dissesse:

c) Susana é mais rica que Jaime e adora se vangloriar disso.

d) Susana é mais rica que Jaime.

e) Susana é mais rica que Pedro.

Seria possível entender que:

“c”, dado contexto (b), possui cinco efeitos contextuais e um processamento (“...e adora se vangloriar disso”). “d”, por sua vez, situada no mesmo contexto, possui três efeitos contextuais e, nesse caso, é a menos relevante das três afirmações. “e” apresenta cinco efeitos contextuais e um custo menos se comparada a “c”, portanto, é a mais relevante das asserções considerado este caso.

É importante que se compreenda que os casos expostos acima elucidam o potencial de aplicação da TR, estão em nível teórico, e não sua aplicação real.

Dados esses exemplos é possível perceber claramente uma noção importante da TR: algo só é relevante em relação a outro algo.

3. Questionando os fundamentos da TR: leitura do artigo *Relevância ou Kluges?*

RELEVÂNCIA OU KLUGES?

Jorge Campos

Sperber&Wilson(1986/95/05) defendem, há mais de vinte anos, uma interessante abordagem sobre a interface comunicação-cognição conhecida como Teoria da Relevância(TR). São dois os princípios básicos que sustentam a arquitetura conceitual da TR em sua forma clássica:

1 Princípio Cognitivo de Relevância

A comunicação humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância.

2 Princípio Comunicativo de Relevância

Todo estímulo ostensivo (intenção informativa e comunicativa) comunica a presunção de sua própria relevância ótima – o estímulo é relevante o suficiente para merecer o esforço de processamento da audiência e – é o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador. O grau de relevância é diretamente proporcional à relação entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo. Em contextos idênticos, tanto menor o primeiro e tanto maior o segundo, mais relevante o estímulo.

Os dois princípios básicos acima assumidos são compatíveis com três suposições metateóricas da TR: a evolução da cognição humana presume o princípio cognitivo da

relevância; a modularidade massiva da mente favorece módulos inferenciais dedicados; e a racionalidade do processo comunicativo humano garante o processo de relevância enquanto relação ótima entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo.

O quadro apresentado acima pressupõe uma compreensão do binômio comunicação-cognição enquanto construção sistêmica da história da espécie humana em sua caminhada evolutiva. A concepção da TR é compatível com a idéia de direção e não se opõe a teorias do desenho inteligente.

Gary Marcus(2008), do NYU Center for Child Language em sua obra mais recente, Kluge – The Haphazard Construction of Human Mind, defende a tese de que a mente humana é constituída de inúmeras falhas em decorrência de uma história evolutiva ao acaso e sem qualquer direção. Para ele, devemos responder negativamente à especulação shakesperiana “are human beings noble in in reason and infinite in faculty?” De fato, argumenta Marcus, são muitas as evidências de que a cognição humana é constituída de incontáveis “Kluges”, uma metáfora para artefatos de uso ad hoc e que teriam sido desenhados para outros fins. Aos infinitos estímulos do processo evolutivo, o que se tem é uma resposta adaptativa ao urgente não ao relevante. Assim construído, a mente humana funciona como um complexo mecanismo do contingente em que são as circunstâncias que a determinam. A habilidade da resolução de problemas antes de ser um conjunto ordenado e sistêmico de operações lógicas é uma espécie de dispositivo tipo MacGyver, enquanto solução que funciona seja ou não a melhor. “ Its not the most elegant solution to this problem, but hey, it works”. Tal como aconteceu, aliás, com a Apollo 13 em que até sacos de papel foram usados para purificar o ar na nave. Foi uma solução deselegante e imprópria, mas funcionou Sim, somos um exemplo de cognição cheia de dispositivos idiossincráticos. Temos crenças irracionais, uma

memória que se deteriora, com formatos confusos e obscuros e cuja vaguidade nos garante muito pouca certeza sobre o que lembramos. Não trabalhamos nem em termos de pastas e arquivos, comuns hoje a máquinas elementares, nem conseguimos fazer contas complexas, coisas que calculadoras executam com precisão e rapidez. A nossa linguagem, pressupostamente diferenciadora da espécie, vem carregada de ambigüidades, de vaguidades, de redundâncias. Nossas emoções são conflitantes com nossas decisões racionais e nossa história vem dramaticamente construída por guerras inexplicáveis e cujas causas nem conhecemos com precisão. E o que dizer da fragilidade de nossa mente, com doenças que não parecem servir a nenhum propósito adaptacionista. Tomamos decisões estranhas a nós mesmos e votamos em pessoas sem saber exatamente por qual motivo e muitas vezes contra nossos próprios interesses. Aceitamos falácias com naturalidade e temos razões que a própria razão desconhece. Frequentemente, estamos de mau humor, não temos orgasmos e nem estamos felizes quando queremos. Sofremos de graves problemas determinados por pequenas causas e adoramos comer o que nos faz mal. Esse, definitivamente, não é o quadro do desenho inteligente, do criacionismo, mas da evolução ao acaso e sem direção em que a racionalidade é uma surpresa da sobrevivência numa perspectiva caótica. Aliás, os próprios scholars bíblicos destacavam as falhas de caráter humano na metáfora da serpente e da maçã.

Se a TR faz sentido, então podemos argumentar nos próprios termos de “Kluge”. Afinal, não temos dúvida de que humanos que somos, temos falhas naturalmente. Mas veja-se a complexidade de entendimento que envolve um trivial roteiro de viagem internacional, por exemplo. Imagine-se desde as restrições impostas pelo passaporte, pela compra de passagens aéreas via internet, pelo embarque e desembarque, por toda a comunicação antes durante e depois do voo entre a tripulação e o aeroporto. Os

cuidados de manutenção de modo que a ida e volta com segurança chegue a parecer um verdadeiro milagre de comunicação e entendimento. Pois bem, isso ocorre diariamente entre todas as cidades do mundo em que temos milhões de pessoas envolvidas e milhões de vôos com precisão de horário e segurança estatisticamente comprovada. Isso sem contar com a tecnologia de aviões sofisticadíssimos capazes de levantar do chão incríveis toneladas. Como pensar que nossa mente é um kluge, se, diante de tal complexidade, todas as milimétricas formas de contato dependem de acordo sobre finos graus de relevância. E a própria guerra tão sem sentido em uma visão catastrofista, que fenômeno de articulação de estratégias de poder bélico, que complexidade de organização e precisão comunicativa. A própria computação nasceu por influência da necessidade de mensagens precisas, de mísseis supercontrolados, de sistematização bélica. Sim, desprezamos constantemente as regras da Lógica, aceitamos falácias e falácias, mas fomos geniais ao conceber os sistemas lógicos em sua consistência, completude e decidibilidade. Como explicar o Telefone, o Rádio, a TV, a Internet e as maravilhosas tecnologias de comunicação de massa. E tudo depende inevitavelmente de protocolos de relevância. E somos capazes de transmitir informação através de uma história milenar com um alto nível de entendimento e traduzir línguas diversas e de complexas diferenças a ponto de nos fazermos compreender inclusive sobre culturas diversificadas e estranhas para nós. Tudo via relevância. Não conseguiríamos nem abordar nossa fragmentada memória não fosse pelo gancho da relevância. Imagine-se se não pudéssemos selecionar o de que precisamos para entender uma trivial troca de diálogos. Se tivéssemos que percorrer todas as trilhas, pastas e arquivos para depois chegarmos à compreensão de uma mísera piada. Talvez não vivêssemos o suficiente para rir dela.

Se a mente é, de fato, um Kluge, podemos raciocinar nos próprios termos da TR contra ela. Como se explica uma tendência cognitiva para maximizar a relevância diante de tantas irrelevâncias cotidianas. Sim, a TR é bem mais restrita. Refere-se, apenas, aos fenômenos de comunicação ostensivo-inferenciais, às intenções informativas e comunicativas. Mas como é capaz de justificar as inúmeras formas discursivas redundantes e sem efeitos cognitivos positivos que povoam diariamente os diversos contextos comunicativos das pessoas comuns. Como argumenta Costa(2005), o discurso de sociabilidade diária, os cumprimentos, as conversas light de lazer, os diálogos intermináveis altamente redundantes pelo telefone, a atenção dedicada ao rádio, televisão, internet em notícias repetidas e já não mais informativas, tudo parece ser uma prática interminável de irrelevâncias absolutamente familiares. A própria Internet com seu 1 trilhão de páginas é navegada praticamente pelos mesmos caminhos. Os internautas deixam uma rota do histórico de navegações em que é surpreendente a redundância de mesmos sites. E o que dizer das falas afetivas e amorosas, em que expressões como “eu te amo” são repetidas de maneira exaustiva e, até, mecanicamente por uma vida. Isso sem chegar ao autismo típico do tipo exilado urbano que não chega a ouvir o que o outro diz, concentrado em falar de si mesmo e de seus problemas pela milionésima vez. E as considerações sobre o tempo, sobre política e sobre futebol, são relevantes exatamente em quê? E as advertências e conselhos de mais velhos e superpais que, dizem os jovens, entram por um ouvido e saem pelo outro. E quanto ao discurso político, como é possível justificar e explicar a relevância das intermináveis e falsas promessas. E as falácias argumentativas, sempre as mesmas. E o que dizer dos clichês, ditados e provérbios ?

Como decidiríamos entre Kluges e Relevância ? entre cérebro/mente relevante, como indício de desenho inteligente e como evolução ao acaso resultado das pressões

imediatas. Parece que o comportamento clássico das explicações científicas segue um certo modelo de lógica em que ou o sistema é perfeito ou é caótico. Diz-se que, num sistema dedutivo, uma única contradição trivializa suas operações. De $P \& \neg P$, segue-se R , sendo R um qualquer. A TR parece querer comprometer-se com uma base intrínseca ao ser humano na direção da racionalidade relevante. Kluge é o argumento de que não é possível ter direção racional se as evidências apontam milhões de incongruências. Mas, talvez, a constatação mais óbvia seja uma advertência contra os extremos. Qualquer alternativa radical parece entrar em conflito com uma idéia de experiencialismo e livre arbítrio. Se a relevância é tomada como tendência forte, seremos dirigidos por ela, sem alternativas; se o caos se impõe, então nada há que possa garantir a racionalidade de qualquer opção. Quem sabe, estamos entre o relevante e o caótico, um pouco racionais, um pouco arbitrários, mas construindo a história por linhas tortas mas não circulares. Por que não aceitar kluges em nossas deduções não-triviais sem cair na trivialidade aterradora? Talvez a melhor forma de entender o conflito entre a TR e uma reflexão cética como em Kluge seja construir a questão abduktivamente. Se se assume a noção de relevância, então se tem a melhor explicação para a racionalidade da comunicação quando ela se dá; se, por outro lado, se assume a mente como kluge, então se tem a melhor explicação para as inúmeras discrepâncias da comunicação quando a racionalidade esperada não se dá. O que resta? O otimismo de defender a TR, considerando Kluges qua situação de relevância em última instância, ou o ceticismo de defender Kluges, considerando a relevância para o indivíduo qua Kluge dos sistemas formais stricto sensu.

REFERÊNCIAS

Sperber & Wilson Relevance – Communication and Cognition (1986/95/2005)

Blackwell, Oxford Press / Linguagem em Discurso Teoria da Relevância vol 5 Fábio

José Rauen e Jane Rita Caetano da Silveira (orgs)

Marcus, Gary Kluge – The Haphazard Construction of Human Mind, 2008 PHM

Company, New York

Costa, J. C. A Teoria da Relevância e as Irrelevâncias da Vida Cotidiana 2005, in

Linguagem em Discurso vol 5 – Teoria da Relevância (orgs) Fábio José Rauen e Jane

Rita Caetano da Silveira Tubarão, Unisul

3.1 Artigo comentado

Os dois princípios³ da TR são compatíveis com três suposições metateóricas: a evolução da cognição humana, a modularidade massiva da mente (a inferência é modular) e a racionalidade do processo comunicativo (a relação custo X benefício é tida como um processo racional).

Assim como o artigo acima, o estudo de Gary Marcus (2008) crítica alguns dos fundamentos da Teoria da Relevância.

É importante saber que Sperber e Wilson não estão inertes às críticas e já reviram alguns de seus fundamentos teóricos como mostram seus estudos de 1995 e 2005.

³ 1 Princípio Cognitivo de Relevância

A comunicação humana tende a ser dirigida para a maximização da relevância.

2 Princípio Comunicativo de Relevância

Todo estímulo ostensivo (intenção informativa e comunicativa) comunica a presunção de sua própria relevância ótima – o estímulo é relevante o suficiente para merecer o esforço de processamento da audiência e – é o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador. O grau de relevância é diretamente proporcional à relação entre esforço de processamento e efeito cognitivo positivo. Em contextos idênticos, tanto menor o primeiro e tanto maior o segundo, mais relevante o estímulo.

De acordo com a leitura do artigo do item 3 pode-se dizer que há três possibilidades teóricas para a evolução humana: segundo o *kluge* a evolução humana é circular e caótica; para Sperber e Wilson a evolução humana é dirigida pela relevância inata. É perceptível que se trata aqui de dois extremos.

De acordo com Costa (2008) a evolução humana não caracteriza nenhum dos dois extremos, mas um meio termo entre eles e, nesse caso, não é circular, tampouco linear, mas curvilínea.

A racionalidade rígida defendida pela TR e as denúncias caóticas de Marcus abstraem algo já sabido: determinados sistemas podem funcionar mesmo com defeitos.

Dessa forma Campos questiona não apenas os fundamentos da teoria de Sperber e Wilson, mas também os defendidos por Gary Marcus.

4. Conclusões finais

A teoria de Sperber e Wilson mostra-se apropriada, de acordo com aquilo que se espera de uma boa teoria. Seu potencial de aplicação é inquestionável e a TR é, atualmente, a melhor explicação para a evolução da cognição humana, mas, ainda assim, mostra alguns problemas.

A oposição apresentada por Gary Marcus parece ser o outro extremo da mesma questão (caos X racionalidade).

Não seria então mais pertinente admitir-se que não se vive apenas na racionalidade ou no caos, mas em ambos? Essa é a proposta apresentada pelo professor Jorge Campos da Costa: uma espécie de desenvolvimento curvilíneo, já que se sabe da existência de sistemas que funcionam mesmo com defeitos.

A crítica de Costa abala os fundamentos dessas duas teorias que tentam explicar o desenvolvimento da cognição humana e faz emergir uma nova teoria na qual a cognição humana não depende exclusivamente da razão ou do caos, mas de ambos.

5. Referências

COSTA, Jorge Campos. *Aula de “Seminário de Semântica” do PPGL da PUCRS*. Porto Alegre, 2008.

COSTA, Jorge Campos. *Relevância ou Kluges?* Artigo desenvolvido para o PPGL da PUCRS. Porto Alegre, 2008.

SPERBER & WILSON. *Teoria da Relevância*. 1986, 1985.